



## A ESCRITURA DOS EVANGELHOS.

### OS EVANGELISTAS

#### Objetivos

»» Explicar como foram redigidos os textos evangélicos.

»» Analisar o papel desempenhado pelos evangelistas na divulgação do Cristianismo.

#### Ideias principais

»» [...] os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos [do Evangelho], com vistas ao futuro, não somente junto aos

apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 14, item A redação dos textos definitivos.

»» Entre os anos 60 e os 80 da Era Cristã aparecem os primeiros escritos evangélicos de Marcos, considerados os mais antigos. No final do século I, entre os anos 80 e 98, surge o Evangelho de Lucas, assim como o de Mateus. Este foi possivelmente escrito em hebraico, atualmente perdido. Finalmente, entre os anos de 98 e 110, aparece, em Éfeso, o evangelho de João. Ao lado desses evangelhos, únicos reconhecidos pela Igreja Católica, grande número de outros vinha à luz [são os evangelhos apócrifos]. Por que razão foram esses numerosos documentos declarados apócrifos e rejeitados? Muito provavelmente porque haviam constituído num embaraço aos que nos séculos I e II imprimiram ao Cristianismo uma direção que o devia afastar, cada vez mais, de suas formas primitivas [...]. Léon Denis: Cristianismo e espiritismo. Cap. 1.

»» A grandeza da doutrina [cristã] não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 14, item A redação dos textos definitivos.

## Subsídios

O ambiente histórico em que o Evangelho surgiu é o do Judaísmo, formado e alimentado pelos livros sacros do Antigo Testamento, condicionado pelos acontecimentos históricos, pelas instituições nas quais se encontrou inserido, e pelas correntes religiosas que o especificaram.

A palavra evangelho, do grego euangélion, quer dizer boa-notícia ou boa-nova, por extensão. O sentido mais antigo da palavra está relacionado a uma gorjeta que era dada aos que traziam “boas-notícias”. Nas cidades gregas empregava-se o vocábulo evangelho quando ecoava a notícia de uma vitória militar, ou nascimento do filho de um rei ou imperador. Uniam-se à notícia cânticos e cerimônias festivas, dando-se uma conotação de alegria.<sup>9</sup>

O Novo Testamento abrange quatro conjuntos de livros, assim discriminados: a) Evangelhos; b) Atos dos Apóstolos; c) Epístolas; d) Apocalipse. Neste roteiro estão inseridas informações sobre o Evangelho de Jesus, segundo os registros de Mateus, Marcos, Lucas e João.

O Evangelho [Boa Nova], cerne doutrinário do Cristianismo, contém aspectos da biografia terrena de Jesus Cristo e seus principais ensinamentos de caráter moral, coligidos segundo informações de Mateus, Marcos, Lucas e João. Mateus e João, discípulos diretos (apóstolos), de contato pessoal com o Mestre, escreveram respectivamente em hebraico e em grego; Marcos e Lucas, redigiram seus textos em grego, o primeiro transmitindo reminiscências de Pedro, o segundo investigando e recolhendo informações por via indireta.

Harmonizam-se os quatro textos num todo orgânico, composto sem acomodações, sob inspiração mediúnica, cujo influxo não derogou a liberdade volitiva e os pensadores psíquicos:

Mateus, menosprezado funcionário, atende ao aceno do novo chefe e nele passa a vislumbrar o diretor supremo, o rei em nomenclatura humana, embora em nível do reino dos céus;

Marcos, atemorizado quando jovem com a intensidade da tarefa, sublima depois, vendo em Jesus o servo incansável, paradigma da fraternidade a serviço divino;

Lucas, mais intelectualizado, apresenta Jesus como entidade imaculada, presa pela genealogia ao pai Adão, porém subtraída ao pecado pela redenção no Pai Criador;

João, mais espiritualizado, portanto mais próximo da essência dos ensinamentos de Jesus, tem olhos de ver no Cristo a entidade celestial, o verbo mesmo de Deus, não apenas o rei, o servo, o homem, sinopse da biografia terrena.<sup>1, 15</sup>

## *Missionários do Cristo* *“Eu vou mas nunca vos deixarei Sós”*



O Cristo nada escreveu. Suas palavras, disseminadas ao longo dos caminhos, foram transmitidas de boca em boca e, posteriormente, transcritas em diferentes épocas, muito tempo depois da sua morte. Uma tradição religiosa popular formou-se pouco a pouco, tradição que sofreu constante evolução até o século IV [...]. Durante [...] meio século depois da morte de Jesus, a tradição cristã, oral e viva, é qual água corrente em que qualquer se pode saciar. Sua propaganda se fez por meio da prédica [sermão, discurso religioso], pelo ensino dos apóstolos, homens simples, iletrados, mas iluminados pelo pensamento do Mestre. Não é senão do ano 60 ao 80 que aparecem as primeiras narrações escritas, a de Marcos a princípio, que é a mais antiga, depois as primeiras narrativas atribuídas a Mateus e Lucas, todas, escritos fragmentários e que se vão acrescentar de sucessivas adições, como todas as obras populares.<sup>3</sup>

Foi somente no fim do século I, de 80 a 98, que surgiu o evangelho de Lucas, assim como o de Mateus, o primitivo, atualmente perdido; finalmente, de 98 a 110, apareceu, em Éfeso, o evangelho de João. Ao lado desses evangelhos, únicos depois reconhecidos pela Igreja, grande número de outros vinha à luz. Desses, são conhecidos atualmente uns vinte; mas, no século III, Orígenes os citava em maior número. Lucas faz alusão a isso no primeiro versículo da obra que traz o seu nome.<sup>10</sup>

Os textos evangélicos utilizados pelos povos não anglo-saxônicos originam-se da Vulgata (divulgada) Latina, fixada a partir do século IV, quando o erudito Jerônimo, secretário do papa Dâmaso I, verte do grego para o latim textos autenticáveis, e separa os considerados de autoria obscura ou apócrifa. Sabemos, no entanto, que existiu a chamada Bíblia dos Setenta, corpo doutrinário traduzido, ao que se diz, por setenta sábios de Alexandria, do qual se teria tirado setenta cópias.

O grego, em que os evangelhos foram escritos, foi o popular dialeto alexandrino chamado kini, que era a língua mais falada ou, pelo menos, compreendida pelos homens cultos de todas as localidades do Oriente e do Ocidente do Império Romano. Por essa razão os evangelistas usaram o grego e não o hebraico para escrever os evangelhos, tornando-os, assim, acessíveis a um maior número de pessoas.

Naquele tempo, não havia pontuação nem separação de palavras na escrita. Os textos utilizavam apenas as letras maiúsculas do alfabeto grego. As palavras eram redigidas com letras minúsculas e sem espaçamentos. A colocação de espaços entre as palavras e as frases foi adotada a partir do século IX d.C. A pontuação surgiu com o aparecimento da imprensa no século XV. A organização dos textos bíblicos em capítulos foi introduzida no Ocidente pelo cardeal inglês Hugo, no século XIII. A subdivisão dos capítulos em versículos foi criação do tipógrafo parisiense Roberto Stefen, no século XVI.

Não obstante a existência de várias traduções inglesas da Bíblia, empreendidas durante a Idade Média, somente no século XVI a História registra a tradução definitiva da Bíblia inglesa, na forma que conhecemos atualmente. Na conferência de Hampton Court, em 1604, foi proposta uma nova tradução da Bíblia. Cinquenta e quatro tradutores foram

convidados para o empreendimento dessa tarefa em Oxford, Cambridge e Westminster. Essa tradução, dedicada ao rei James I, foi publicada em 1611, em volumes grandes. Trata-se de uma tradução, também conhecida como a Versão Autorizada, que se enraizou de tal forma na história religiosa e literária dos povos de língua inglesa que as edições posteriores cuidavam apenas de simples revisões, e não de substituições.

Algumas dessas revisões foram: a Revisão Inglesa de 1885 e a Versão-Padrão Americana (American Standard Version) de 1901. Esta última foi vigorosamente revisada pela Revised Standard Version de 1946–1952. Os textos bíblicos publicados em língua inglesa — que têm como base a tradução de William Tyndale, de 1525–1526 —, sobretudo o Novo Testamento, apresentam diferenças das edições publicadas pelos demais povos. É que a tradução inglesa foi realizada diretamente do original grego e não do latim (Vulgata).<sup>17</sup>

### **1. Os evangelhos canônicos e os apócrifos**

Os evangelhos são narrativas cuidadosamente escritas sobre o nascimento, a vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré. Não podemos jamais esquecer que os textos existentes em o Novo Testamento retratam, além dos ensinamentos do Cristo, a pregação e a vida dos apóstolos e discípulos diretos.

Estudos críticos (e sérios) demonstram que nos textos evangélicos há diferenças que evidenciam a influência pessoal do escritor, sem deixar de lado a inspiração divina. Assim, os três primeiros evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas) — chamados de evangelhos sinóticos — têm muitos aspectos comuns e também muitas diferenças. As semelhanças vão de algumas palavras a textos inteiros. As diferenças são encontradas nas narrativas de fatos e de acontecimentos relacionados à vida e à missão do Cristo, percebendo-se discrepâncias, aqui e ali. Em termos numéricos, podemos representar a questão sinótica assim:

»» dos 661 versículos do evangelho de Marcos, 600 estão no de Mateus e 350 no de Lucas;

»» os evangelhos de Mateus e Lucas têm 240 versículos em comum, os quais não constam do evangelho de Marcos;

»» Mateus e Lucas inseriram outros versículos, segundo interpretação própria.

Os evangelistas Mateus e João foram apóstolos de Jesus. Lucas e Marcos não conviveram com Ele. Os escritos evangélicos, também chamados de Escrituras Gregas, foram divididos em “canônicos” — textos que fazem parte do Novo Testamento — e “apócrifos” (palavra que significa coisa escondida, oculta). Os apócrifos (ou deutero-canônicos), definidos no Concílio de Niceia, são manuscritos redigidos pelos discípulos de Jesus e que não foram

*Missionários do Cristo*  
*“Eu vou mas nunca vos deixarei Sós”*



(nem são) reconhecidos pela Igreja Católica, sob a alegação de que a veracidade dos mesmos não poderia ser comprovada. 9, 16

Existem cerca de 112 textos, apócrifos, 52 no Antigo Testamento e 60 no Novo Testamento. A tradição contabiliza um número maior.

Exemplos de livros apócrifos: 19, 20

1. Evangelhos: de Maria de Madalena; de Tomé; de Filipe; o árabe que trata da infância de Jesus; do pseudo-Tomé; de Tiago; da morte e assunção de Maria.

2. Atos: de Pedro; de Tecla; de Paulo; dos 12 apóstolos; de Pilatos.

3. Epístolas: de Pilatos a Herodes; de Pilatos a Tibério; de Pedro a Filipe; de Paulo aos laodicenses; epístola aos coríntios, de Aristeu.

4. Apocalipses: de Tiago; de João; de Estêvão; de Pedro; de Elias; de Esdras; de Baruc; de Sofonias.

5. Testamentos: de Abraão; de Isaac; de Jacó; dos 12 Patriarcas; de Moisés; de Salomão; de Jó.

6. Outros livros: A filha de Pedro; a descida do Cristo aos infernos; declaração de José de Arimateia; vida de Adão e Eva; jubileus, 1, 2 e 3; Henoque; Salmos de Salomão; Oráculos Sibilinos.

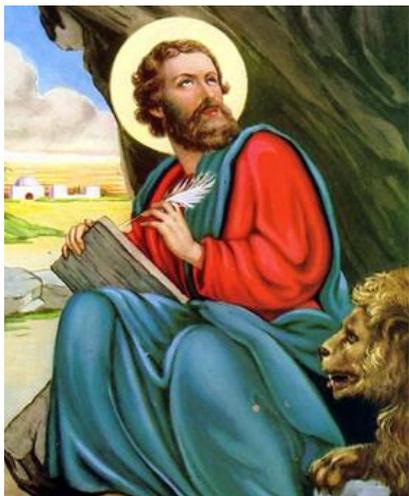
Os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas são chamados de sinópticos, porque apresentam, entre si, muitas semelhanças, podendo ser dispostos em colunas paralelas e “abarcados com um só olhar”. Quanto ao quarto evangelho, o de João, este permanece único, pois se distingue significativamente dos demais em conteúdo, estilo e forma.<sup>1</sup> A hipótese mais aceita para justificar as similaridades existentes nos evangelhos sinóticos é denominada “teoria das duas fontes”. Nessa teoria, Marcos teria utilizado uma fonte (possivelmente originária de Pedro), a qual serviria de subsídios para os relatos de Mateus e Lucas. A outra fonte, utilizada por estes dois evangelistas, é totalmente desconhecida e se chama Fonte Q (inicial da palavra alemã quelle = fonte).<sup>2</sup>

Os textos evangélicos sofreram, ao longo dos tempos três grandes modificações: no texto original, escrito pelos evangelistas, durante a elaboração da Vulgata e na redação final, que é a que temos atualmente.

Por entre essas fases, ocorreram influências em variados sentidos, levando a relações literárias, de semelhança ou de diferenças, que são observadas entre os evangelhos no seu estado atual. Assim, pode-se perceber, que a redação de Marcos deve ter sofrido influência do

documento — fonte de Mateus — daí verifica-se as semelhanças onde é dependente — onde, por sua vez, deve ter influenciado a última redação do primeiro evangelho.<sup>3</sup>

Os evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas mencionam os ensinamentos de Jesus sobre o Reino de Deus mais de noventa vezes, o que é bastante significativo. O evangelho de João desenvolve a ideia de crença nas 99 citações, o que também nos fornece um material para reflexão.



## 2. O Evangelho segundo Marcos

Conforme a mais antiga tradição, esse evangelho foi escrito por João Marcos (João do hebraico, Marcos do latim), sobrinho de Pedro e primo de Barnabé. Ao que se sabe, vivia em Jerusalém com seus pais. Supõe-se que o texto de Marcos foi o que serviu de fonte para as escrituras de Lucas e de Mateus, tendo ele próprio, por sua vez, utilizado outras fontes (Pedro, por exemplo). Foi o primeiro evangelho a ser escrito, num tempo não muito distante da destruição de Jerusalém, ocorrida no ano 70 d.C., possivelmente entre os anos 60 e 70. É um evangelho que apresenta pouca evolução da doutrina cristã, e não conduz a maiores reflexões teológicas. É provável que Marcos tenha acompanhado os acontecimentos da paixão e morte do Cristo.

Para escrever o seu evangelho, Marcos deve ter recorrido a três fontes: às suas lembranças, às recordações de pessoas que conviveram com o Mestre e aos documentos que circulavam na jovem comunidade cristã da época. A tradição informa que Marcos teria sido discípulo de Pedro, de quem teria recebido os esclarecimentos evangélicos (I Pedro, 5:13; Atos dos Apóstolos, 12:12).

O evangelho de Marcos está escrito em estilo muito simples e de pouca precisão histórica. Descuida-se da sequência cronológica. Há muitas palavras aramaicas, revelando proximidade com os aramaísmos dos originais em que se baseou. São exemplos de aramaísmo as seguintes palavras ou expressões: boanerges (Marcos, 3:17); talita cumi (Marcos, 5:41); efeta (Marcos, 7:34); aba (Marcos, 14:36); eloi, eloi (Marcos, 15: 34). Mostra também vestígios da tradição oral.

Há indícios de que Marcos teria redigido o seu texto em Roma. Os historiadores que defendem este ponto de vista se fundamentam nos seguintes indícios: a) na questão sobre o divórcio (Marcos, 10: 1-12) — um problema que afligia apenas os romanos da época; b) na utilização de palavras latinas como kenturiôn (centurião) e pretorion (tribunal), entre outras

*Missionários do Cristo*  
*“Eu vou mas nunca vos deixarei Sós”*



(Marcos, 6:27; 7:4; 12:42; 15:39, 44,45); c) nome latino para designar a moeda (ou óbulo) ofertada pela viúva (Marcos, 12:41).

O evangelho de Marcos quer mostrar que Jesus é o Messias prometido e aguardado pelos judeus. Tem como escopo apresentar Jesus como filho de Deus (Marcos, 1:11; 3:11; 15:39), sua condição divina, demonstrando que os milagres realizados por Jesus asseguravam ser Ele o Messias prometido. Esclarece também que Jesus é recebido favoravelmente pelas multidões, mas que seu messianismo, humilde e espiritual, decepciona e diminui a expectativa popular.

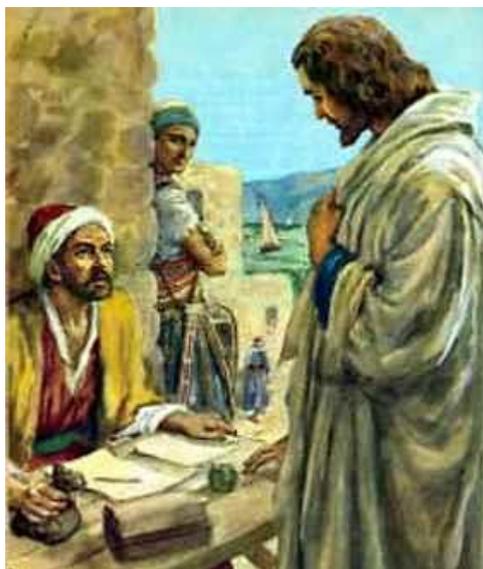
No propósito de nos apresentar Jesus como filho de Deus, incompreendido e rejeitado pelo povo, Marcos se preocupa menos em explanar o ensino do Mestre, fazendo poucas referências aos seus ensinamentos. Escrito em linguagem popular, de estilo vivo, o texto de Marcos deixa de lado o que interessava apenas aos Judeus, focalizando também os interesses dos pagãos recém-convertidos na fé, após a morte de Pedro e Paulo (entre os anos 62 e 63). No entanto, há no Evangelho de Marcos explicações que nem mesmo os gentios compreendiam (Marcos, 3:17; 5:41; 7:34; 10:46; 14:36; 15:34), assim como relatos de costumes judaicos (Marcos, 7:3-4; 14:12; 15:42). O autor faz poucas referências ao Antigo Testamento. Destaca as várias emoções dos personagens (Marcos, 3:34; 8:12; 10:14, 21,32; 16:5-6). O ponto culminante do seu evangelho é a confissão de Pedro, em Cesareia (Marcos, 8:27-30) e a resposta do Cristo, que não declarara antes ser o Messias por causa do falso conceito de libertador temporal, atribuído ao enviado de Deus. Alguns autores afirmam que Marcos usou este “segredo messiânico” para evitar explicações embaraçosas sobre o fato de ter o Cristo morrido da forma como morreu, quando deveria, no entender dos judeus, ser o libertador de um povo.

A tradição diz que a casa, citada em Atos dos Apóstolos, 12:12, pertencia a Marcos, e é a mesma em que foi celebrada a última ceia de Jesus (Marcos, 14:4).

Supõe-se também que o Jardim de Getsêmani lhe pertencia, que ele (Marcos) era o homem do cântaro (Marcos, 14:13), sendo igualmente o jovem nu, retratado unicamente em seu Evangelho (Marcos,14:51-52).

Marcos acompanhou Paulo e Barnabé na primeira viagem do apóstolo dos gentios — de Jerusalém à Antioquia (Atos dos Apóstolos, 13:5) —, mas não completa a viagem, voltando a Jerusalém (Atos dos Apóstolos, 13:13). Com Barnabé foi a Chipre (Atos dos Apóstolos, 15:39), todavia, permaneceu mais tempo com Pedro, servindo de intérprete e de

secretário. Tendo participado de trabalho missionário no Egito, morreu vítima de martírio.4, 14 e 16 3.



### 3. O Evangelho segundo Mateus

O evangelho de Mateus foi escrito entre 80 e 100 d.C. Seguramente foi depois de 70, após a destruição de Jerusalém, e posterior ao evangelho de Marcos. O texto conhecido nos dias atuais, surgiu na Palestina, escrito em grego, em bom estilo literário, para leitores de língua grega. Posteriormente foi traduzido para o latim (Vulgata). Alguns estudiosos acreditam que o texto original de Mateus foi escrito em aramaico e, mais tarde, traduzido para o grego. Se, efetivamente, esse texto existiu, foi perdido.

As linhas gerais da vida do Cristo, encontradas no evangelho de Marcos, são reproduzidas no de Mateus, mas segundo um novo plano, por que os relatos e os discursos se alternam. Por exemplo, em Mateus, 1:4, há o relato da infância e início do ministério de Jesus. Em Mateus, 5:7 vem em discurso: o sermão do monte, as bem-aventuranças e a entrada no Reino.5

No tempo em que foi escrito, a igreja cristã já ultrapassara os limites de Israel.

Mateus foi um dos apóstolos e testemunha de vários acontecimentos. Cobrador de impostos para o Império Romano, era menosprezado pelos judeus, porque consideravam impura a sua profissão. Foi o apóstolo mais intelectual do grupo dos Doze.

Percebe-se que o seu evangelho era o de um cristão vindo do Judaísmo, conhecedor das Escrituras, fiel à tradição. Mateus escreve entre os judeus para judeus, procurando defender a tese de que Jesus era o Messias previsto nas escrituras. A sua origem judaica fica evidente quando ele emprega, por exemplo, a expressão reino dos céus, em lugar de reino de Deus, já que o nome Deus não era pronunciado pelos judeus.

A narrativa do texto de Mateus dispensa explicações sobre os costumes judaicos, por serem considerados corriqueiros e do entendimento dos seus compatriotas.

Na composição literária do seu evangelho, o autor empregou como fontes o evangelho de Marcos e outros escritos particulares. Fez um trabalho de compilação bastante pessoal (é um texto rico de hebraísmos), adaptando e completando as fontes com os próprios conhecimentos. Mateus é chamado o homem dos discursos, por ser quem mais cita as fontes. Mostra aos judeus que Jesus é filho de Davi e de Abraão, portanto, o Messias de Israel. Exorta



os fiéis a aceitarem Jesus como o Messias prometido por Deus ao seu povo. Refere-se constantemente ao Antigo Testamento. Fala na universalidade da mensagem cristã, convidando judeus e não judeus a aceitarem os seus ensinamentos. Do ponto de vista cristológico, considera Jesus como Rei, Messias que foi rejeitado e que criou outro povo ou comunidade, que é a Ecclesia (Igreja). Emprega o termo kyrios (Senhor), enquanto os outros usam o termo Mestre.6, 14 e 15

#### 4. O Evangelho segundo Lucas



O médico Lucas era natural de Antioquia, fato que ele cita várias vezes nos Atos dos Apóstolos. Não foi discípulo direto do Cristo, ficando isso claro desde o início do seu texto, pois que se coloca fora das testemunhas oculares. Utilizou como fontes o evangelho segundo Marcos bem como outras particulares da região onde viveu, incluindo-se nessas últimas, documentos da época e testemunhos dos fatos ocorridos. Lucas também teria recebido esclarecimentos de Paulo, por ocasião de um encontro em Antioquia. Paulo fala sobre Lucas em suas epístolas (Colossenses, 4:14), (Filipenses, 24) (II Timóteo, 4:11). Pode-se situar o aparecimento do evangelho de Lucas entre os anos 70 e 80 d.C.

O mérito particular do terceiro evangelho lhe vem da personalidade muito cativante do seu autor, que nele transparece continuamente. [...] Lucas é um escritor de grande talento e uma alma delicada. Elaborou sua obra de modo original, com um esforço de informação e de ordem (Lucas, 1:3) Seu plano reproduz as grandes linhas de Marcos, com algumas transposições ou omissões. Certos episódios são deslocados (Lucas, 3:19-20;4:16-30; 5:1-11; 6:12-19; 22: 31-34).

Seu plano retoma as grandes linhas do de Marcos com algumas transposições ou omissões. Alguns episódios são deslocados (3, 19- -20; 4, 16-30; 5, 1-11; 6, 12-19; 22, 31-34 etc), ora por preocupação de clareza e de lógica, ora por influência de outras tradições, entre as quais deve-se notar a que se reflete igualmente no quarto evangelho. Outros episódios são omitidos, seja como menos interessantes para os leitores pagãos (cf. Mc 9, 11-13), seja para evitar duplicatas (cf. Mc 12, 28-34 em comparação com Lc 10, 25-28).7

É tido como um bom escritor pelo estilo elegante da língua (o grego) usada no prólogo, considerado um clássico da época. O próprio costume de escrever prólogos,

dedicando o livro, era comum entre os grandes escritores. Corrige o grego de Marcos, substituindo termos vulgares ou banais por palavras eruditas. À vista dos acontecimentos da época, procurou relacionar os acontecimentos narrados com fatos conhecidos da história, obedecendo a detalhes cronológicos. Alguns estudiosos procuram ver no seu Evangelho um certo olho clínico, por ser ele um médico. Vê-se isto, por exemplo, nos episódios da sogra de Pedro, do Samaritano, da hemorroíssa.

Lucas nos apresenta Jesus como o Messias dos pobres, dos humildes, dos desprezados, dos doentes e dos pecadores. Em Lucas, 19:10, fala em salvar o que estava perdido; em 7: 36-50, traz o relato da pecadora que banhou os pés do Cristo; em 15:1-32, narra ensinamentos sobre a ovelha ou dracma perdidas, e o retorno do filho pródigo; em 18: 9-14, fala da prece do publicano e a do fariseu; em 16: 19-31, faz referências sobre o rico avarento e sobre o pobre Lázaro; em 11: 41; 12: 33 e em 14:13, mostra a necessidade das esmolos.

Nota-se, ainda, em Lucas, uma preocupação com a valorização das mulheres, tendo em vista o conceito que delas tinha a sociedade da época. Assim, refere-se a Ana e a Isabel; às mulheres que acompanhavam os apóstolos; a Maria e Marta de Betânia; à viúva de Naim e à mulher da multidão que exaltou a mãe de Cristo. Cita também Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, e Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Susana e várias outras mulheres, que ajudavam a Jesus e aos discípulos com os bens que possuíam (Lucas, 8: 1-3). E num lugar todo especial está Maria, mãe de Jesus. Fornece muitos detalhes da vida familiar do Mestre, fato que levanta a hipótese de Lucas ter entrevistado Maria de Nazaré. Corrige certas referências extraordinárias a respeito de Jesus, que pudessem escandalizar os não judeus (multiplicação dos pães, sogra de Pedro, discussão no caminho etc.). Faz a genealogia de Cristo diferente da de Mateus, começando por Adão.13, 16 e 18

## 5. O Evangelho segundo João



O evangelho de João só foi escrito em torno do ano 100 d.C. João é o canal de Deus para nos fazer compreender a presença de Jesus, o Verbo divino. Esse evangelho é uma obra unitária: as partes só podem ser compreendidas na sua relação com o todo. Portanto, na leitura da obra

deve-se ficar atento ao seu conjunto e não somente às unidades que a compõem, tomadas



isoladamente. O plano que estrutura o evangelho de João é espiritual e não histórico-narrativo. A pessoa e a obra de Jesus são interpretadas por uma comunidade no seio da sua experiência de fé.

A história de Jesus no evangelho de João é apresentada como um drama composto de um prólogo, dois atos principais e um epílogo. Considerando-se o evangelho sob essa luz, sua característica distintiva pode ser vista como seu ensinamento iluminado.<sup>11</sup>

João proclama a messianidade de Jesus e a sua filiação divina, esclarecendo que, para ter vida, é preciso ter fé em Jesus. Os traços característicos do evangelho joanino — e que o diferenciam dos demais — mostram a forte influência de uma corrente de pensamento amplamente difundida em certos círculos do judaísmo: os ensinamentos dos essênios. Neles se atribuía importância especial ao conhecimento (gnose), expresso por meio de dualismos: luz-trevas, verdade-mentira, anjo da luz-anjo das trevas. João insiste na mística da unidade com o Cristo e na necessidade do amor fraterno.



Mais ainda: o quarto evangelho, mais do que os sinóticos, quer dar a entender o sentido da vida, dos gestos e das palavras de Jesus. Os acontecimentos de Jesus são sinais, cujo sentido não transpareceu logo de início, só sendo compreendido após a glorificação do Cristo (João, 2:22; 12:16; 13:7); muitas palavras de Jesus eram dotadas de significação

espiritual, que não foram percebidas senão mais tarde<sup>8</sup> (João, 2: 19).

Caberia ao apóstolo falar em nome de Jesus ressuscitado, recordando e ensinando aos discípulos o que Jesus lhes havia dito: “conduzi-los à verdade completa” (João, 14:26 e seguintes). Por outro lado, João nos mostra uma faceta da personalidade de Jesus, não percebida nos demais evangelistas: seus ensinamentos ocorrem no contexto da vida judaica, nas festas e no templo, deixando claro ao povo que ele, Jesus, é o centro de uma religião renovada, em espírito e em verdade (João, 4:24).

Para o evangelista, Jesus é a Palavra (o Verbo) enviada por Deus à Terra, e deve regressar ao Pai uma vez cumprida a sua missão (João,1:1 e seguintes). Trata-se de uma missão que consiste em anunciar aos homens os mistérios divinos: Jesus é a testemunha do que viu e ouviu junto ao Pai (João, 3:11 e seguintes). Jesus é a Água Viva (João,7:37). É a

Luz do mundo (João, 8:12). Jesus é o Bom Pastor (João, 10:1-18) e é também o Caminho, a Verdade e a Vida (João, 14:6).

João se move assim acima dos testemunhos dos outros escritores do evangelho, explorando a natureza de Jesus em relação a Deus e à Humanidade, e os fundamentos para a crença cristã e para a vida espiritual, que é a sua consequência. Jesus, no retrato de João, é ao mesmo tempo um com o Pai e um com sua igreja na Terra.<sup>12</sup>

Há detalhes, no quarto evangelho, que nos fazem supor haja entre o apóstolo e Jesus uma maior proximidade. Por exemplo, ao descrever o encontro do Mestre com Nicodemos, (João 3:1-15) o evangelista nos transmite a certeza de estar presente, testemunhando a conversa. Uma testemunha que talvez estivesse à porta, como quem se encontra à espreita, até surpreender o esclarecedor colóquio entre o Rabi Galileu e o doutor da lei. Noutra ocasião, quando narra o episódio das Bodas de Caná (João 2:1-12), João parece reviver o adolescente maravilhado, colocado perante o Rabi pleno de sabedoria, que abençoa a união matrimonial com sua luminosa presença.

Em outras passagens evangélicas a presença de João é percebida claramente, como se ele fosse a sombra de Jesus: acompanha o Rabi na íngreme subida de 562 metros (Lucas, 9:28-36) até o cume do monte Tabor. Após as quatro horas de marcha, dorme junto a Pedro e Tiago. Na madrugada que avança, escuta vozes que vibram no ar. A sublime visão de Jesus, vestido de luz o faria, mais tarde, evocar a cena inesquecível, ao iniciar a sua narrativa evangélica: “Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam” (João, 1:4-5).

Finalmente, é oportuno lembrar que a promessa do advento do Consolador consta apenas do Evangelho de João, que assim nos transmite o feliz anúncio de Jesus: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio” (João, 14:15-18; 15:26-27).



## O APOCALIPSE DE JOÃO



existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 14.

»» O autor do apocalipse abre seu livro apresentando-o como uma revelação de Jesus Cristo sobre as coisas que haviam de acontecer, inclusive a futura vinda do Mestre à terra, em Espírito, e cercado da glória de seus anjos. Cairbar Schutel: Interpretação sintética do apocalipse. p.16.

### Subsídios

#### Introdução

Os textos apocalípticos, nos dois séculos que precederam a vinda do Cristo, tiveram muito êxito em alguns ambientes judaicos. Tendo sido anteriormente elaborados pelas visões dos profetas como Ezequiel e Zacarias, esse gênero de escritura desenvolveu-se também no livro de Daniel. Apenas um apocalipse ficou registrado no Novo Testamento. Seu autor é o apóstolo João, autor do quarto Evangelho, escrevendo-o quando de seu exílio na Ilha de Patmos.

No fim do Novo Testamento está a Revelação de João, que, assim como o Livro de Daniel, é um apocalipse, um tipo de literatura conhecido na época. O Apocalipse se compõe de uma série de visões que evocam imagens de uma dramática cena final. Distingue-se do Livro de Daniel, que é seu equivalente apocalíptico judaico, de duas maneiras importantes. Em primeiro lugar, é um livro cristão, no qual Cristo irá assumir definitivamente o controle e vencer o mal; em segundo lugar, no Apocalipse o fim do mundo [fim do mal] já começou. Não se trata de algo que ocorrerá num futuro distante. Depois da obra de Jesus pela salvação, já teve início a batalha decisiva entre o bem e o mal. O Apocalipse de João é, pois, mais que uma escritura profética. Redigido durante as perseguições contra os cristãos travadas no reinado do

### Objetivos

»» Analisar, sob a ótica da Doutrina Espírita, o Apocalipse de João.

### Ideias principais

»» O divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João [...] e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica invisível. [...] Todos os fatos posteriores à

(81-96), do imperador Domiciano, descreve a situação dos cristãos da época, constantemente ameaçados de martírio. Acima de tudo, portanto, é uma escritura consoladora destinada aos cristãos que viviam naquele período atribulado. Nela, o Estado romano é chamado de a “besta”, “o dragão” ou “a grande prostituta”. Mas, no embate final Cristo, o Cordeiro, vencerá as forças da escuridão. O livro chega então ao final com uma visão de “um novo céu e uma nova terra”. Com suas imagens nascidas de uma necessidade histórica, o Apocalipse é pouco familiar aos leitores modernos e já recebeu variadas interpretações através dos tempos. Pode-se dizer que nenhum outro livro da Bíblia tem sido tão mal empregado. Com sua fé em Deus claramente expressa, levando a uma vitória final do bem sobre o mal, ele é, mesmo assim, uma conclusão apropriada para a maneira como a Bíblia descreve a grave situação do mundo.<sup>8</sup>

## **1. Orientações para o estudo do apocalipse**

A linguagem simbólica do Apocalipse de João desestimula, em geral, a sua leitura. É possível, porém, torná-la compreensível, observando-se alguns pontos importantes: o entendimento do significado de apocalipse, quanto à etimologia e ao conceito; a visualização do contexto histórico da Igreja nascente, e a razão do advento do Apocalipse.

### **1.1 Significado de apocalipse**

O termo “apocalipse” é a transcrição duma palavra grega que significa revelação; todo apocalipse supõe, pois, uma revelação que Deus fez aos homens, revelação de coisas ocultas e só por Ele conhecidas, especialmente de coisas referentes ao futuro. É difícil definir exatamente a fronteira que separa o gênero apocalíptico do profético, do qual, de certa forma, ele não é mais que prolongamento; mas enquanto os antigos profetas ouviam as revelações divinas e as transmitiam, oralmente, o autor de um apocalipse recebia suas revelações em forma de visões, que consignava em livro. Por outro lado, tais visões não têm valor por si mesmas, mas pelo simbolismo que encerram, pois em apocalipse tudo ou quase tudo tem valor simbólico: os números, as coisas, as partes do corpo e até os personagens que entram em cena. Ao descrever a visão, o vidente traduz em símbolos as ideias que Deus lhe sugere, procedendo então por acumulação de coisas, cores, números simbólicos, sem se preocupar com a incoerência dos efeitos obtidos. Para entendê-lo, devemos, por isso, apreender a sua técnica e retraduzir em ideias os símbolos que ele propõe, sob pena de falsificar o sentido de sua mensagem.<sup>4</sup>

No livro Como ler o apocalipse, o autor explica o estilo e a forma de escritura do apocalipse.

O apocalipse foi [...] um modo de escrever muito popular nos dois séculos antes de Cristo e nos dois séculos depois dele. [...] O mais importante escritor apocalíptico do Antigo Testamento é o autor do Livro de Daniel. Ele viveu na época da dominação selêucida na Palestina, mas especificamente no tempo de Antíoco Epifanes IV (175-162 a.C.). Esse rei impôs, pela força, a cultura e a religião dos gregos. Esse fato provocou a revolta dos Macabeus. A função do Livro de Daniel era apoiar e incentivar a resistência dos Macabeus contra a dominação estrangeira. [...] Ninguém podia dizer as coisas às claras. Era necessário usar uma linguagem camuflada, incentivando a resistência e driblando a marcação do poder opressor.<sup>6</sup>

Foi assim que surgiu a literatura apocalíptica.



## 1.2 O contexto histórico da Igreja nascente

É indispensável inserir o Apocalipse no seu ambiente histórico para compreendê-lo um pouco mais.

É [...] indispensável [...] reinserí-lo no ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente. Pois, do mesmo modo que os apocalipses que o precederam (especialmente o de Daniel) e nos quais manifestamente se inspira, é escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos, escandalizados, sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja daquele que afirmara: “Não temais, eu venci o mundo” (João, 16:33). 4

No momento em que João escreve o seu livro de visões, a igreja primitiva sofre terrível perseguição de Roma e dos cidadãos do Império Romano (a “besta”), por instigação de “satanás” (o adversário, por excelência, do Cristo — ou anticristo).<sup>5</sup> O próprio João se encontrava prisioneiro na Ilha de Patmos, quando escreveu o seu Apocalipse, na época (81-96) do imperador Domiciano. Solidário com os companheiros submetidos aos martírios das perseguições, o Apocalipse de João nos apresenta três conteúdos básicos: o protesto contra as injustiças sociais, o sofrimento que aguardam os perseguidores e a vitória do bem, manifestada no amor do Cristo pela Humanidade.

## 1.3 A razão do advento do Apocalipse de João

Alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento da nova doutrina, já as forças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir. Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesúvio de paixões e de esgotamentos.

O divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível. Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.<sup>17</sup>

## **2. Plano geral da obra**

O apocalipse de João é constituído de um prólogo, de duas partes e de um epílogo:

### **2.1 Prólogo**

No prólogo (1:1-3), João faz a abertura do seu livro, apresentando-o como uma revelação de Jesus Cristo sobre “as coisas que devem acontecer” (1:1, 3). Indica quem são os destinatários: “os servos de Jesus Cristo” (1:1); a forma como a revelação divina se deu: “Ele a manifestou com sinais por meio do seu anjo, ao seu servo João” (1:1); fornece uma dimensão temporal — ainda que imprecisa — sobre a concretização dos fatos revelados: “o tempo está próximo” (1:3).

### **2.2 Primeira parte (capítulos: 1, 2 e 3)**

A primeira parte do Apocalipse está escrita na forma de diálogo. Apresenta três subdivisões: a) saudação às comunidades (1:4-8); b) confiança na ressurreição do Cristo (1:9-20) e c) cartas às sete igrejas da Ásia (2:1-22; 3:1-22). Revela uma ação pastoral do apóstolo para com os cristãos — representados simbolicamente pelas “sete igrejas da Ásia” (1:4) —, e expressa uma mensagem de apoio aos que sofrem perseguições em nome do Cristo.

O propósito da mensagem [...] é encorajar a comunidade cristã que passa por uma terrível provação: após o magnífico desenvolvimento na época de sua fundação, agora a Igreja parece seriamente ameaçada na unidade de sua fé (movimentos heréticos), na pureza dos costumes (relaxamento da vida religiosa, diminuição da caridade). Devido as perseguições, João pretende sustentar a coragem dos cristãos “até a morte” (2:14), garantindo-lhes a presença divina do Cristo, que vencerá o Dragão.<sup>20</sup>

João narra como ocorreu a sua percepção mediúnica.

As [...] palavras que ouviu “como a voz de trombeta” (1:10), e a recomendação que teve de se dirigir às “sete igrejas”, representadas por “sete candeieiros”, assistidas por “sete espíritos” (1:10-20).<sup>11</sup>

Cada carta é específica e contém elogios e críticas, advertências e incentivos, como convinha. Mas o plural “igrejas” no final de cada carta mostra que se pretendia que fosse lida por todas as igrejas.<sup>8</sup>

“Nessa visão salienta-se “espada de dois gumes” que sai da boca do excelso Espírito (Jesus).”<sup>11</sup>

### **2.3 Segunda parte (capítulos: 4 a 21)**

Representa a essência da obra, tem um caráter profético-escatológico (previsões sobre o fim do mundo) e abrange duas visões paralelas: a primeira (4,18; 11,1) diz respeito aos destinos do mundo; a segunda (11: 9; 21:5) informa sobre o futuro da Igreja.<sup>20</sup>

Podemos considerar cinco subdivisões (ou seções) nessa parte:

*Missionários do Cristo*  
*“Eu vou mas nunca vos deixarei Sós”*



- a) introdutória (4:1-5; 14) — fala sobre o trono, o Cordeiro e sobre o livro com sete selos;
- b) seção dos selos (6:1-7, 17) — são pontos importantes sobre a abertura dos quatro primeiros selos, sobre o clamor dos mártires (quinto selo) e a resposta de Deus ao clamor (sexto selo);
- c) seção das trombetas (8:1-11; 14) — o toque da trombeta anuncia o julgamento de Deus;
- d) seção dos três sinais (11; 15; 16:16) — são sinais que marcam acontecimentos: o sinal da mulher, o sinal dos dragões e o sinal dos anjos com pragas;
- e) sessão conclusiva (16; 17; 2:5) — mostra que o Cristo julga e vence o mal.

No capítulo IV, o autor continua escrevendo sobre a sua visão, cheia de quadros que se desdobram às suas vistas e que representam as letras com que se escrevem as “coisas espirituais”, que as palavras humanas não podem traduzir. A linguagem espiritual se manifesta por meio de símbolos que ferem a imaginação e dão uma ideia relativa das coisas que existem. Entretanto, não podem ser percebidas pelos nossos sentidos materiais, grosseiros.<sup>13</sup>

Revela a existência de uma comunidade de Espíritos puros, representados por “vinte e quatro anciãos”, os “Espíritos de Deus”, indicados por “sete lâmpadas de fogo”.

O seguinte resumo fornece informações gerais sobre a segunda parte do Apocalipse:

A primeira visão começa com a apresentação do trono de Deus (4:1- 11) e do Cordeiro vitorioso (5:1-14) e concentra-se em dois motivos: a abertura dos 7 selos (6:1; 8:1), símbolo da preparação no céu dos flagelos que recairão sobre o mundo (dos primeiros 4 selos sairão os famosos 4 cavalos), e o som das 7 trombetas (8:2; 11:18) que significam a execução daqueles flagelos na Terra. A segunda visão começa com um duplo acontecimento: no céu, a luta do dragão (satanás) contra a mulher (que representa o povo eleito) (12:1-18); na Terra, as duas bestas (que simbolizam o Império Romano e os falsos profetas) (13:1-18). A esta dupla cena contrapõe-se a aparição do Cordeiro no monte Sião\* seguido da multidão de fiéis (14:1-5). O juízo escatológico é expresso por meio de várias representações: os 7 flagelos e as 7 taças (15-16), acompanhados da “condenação da grande prostituta” (Roma também chamada Babilônia ou nova Babilônia) (17-18), depois a vitória sobre as bestas (19:11-21) e sobre o Dragão com que se inaugura o reinado “de mil anos” de Cristo (20:1-10) e por fim a vitória definitiva sobre o mal (20:11-25).<sup>20</sup>

#### **2.4 O epílogo (22:16-21)**

No epílogo há uma recomendação severa, uma proibição categórica àqueles que lerem o livro, ou que o reimprimirem, de alterar qualquer coisa do que nele se acha escrito. O apóstolo previa as mistificações sectárias, os enxertos, as mutilações que havia de sofrer a Árvore da Vida, pelos papas e pelos concílios, e ameaçou, severamente, àqueles que modificassem o seu Apocalipse.<sup>16</sup>

### **3. Análise espírita do apocalipse**

#### **3.1 As sete igrejas**

São as comunidades cristãs cujas características indicam os diferentes tipos de cristãos: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia. \* Sião: outro nome de Jerusalém.

A igreja de Éfeso, que fora fundada por Paulo, e continuou sendo por muitos séculos um dos principais centros da Igreja Oriental, era zelosa em guardar-se contra a heresia, mas carecia de amor cristão. A igreja de Esmirna parece ter resistido bem à importunação (perseguição) e, por vezes, prisão dos seus membros. Pérgamo era um centro religioso importante, com um famoso santuário de Zeus, um templo de Asclépio com uma renomada escola de medicina, e um templo de Augusto; “o trono de Satã” pode designar qualquer um desses, mas provavelmente refere-se ao culto do imperador. [...] A igreja de Tiatira abundava em amor e fé, serviço e resignação paciente, mas tolerava os ensinamentos malignos de uma profetisa, Jesabel. A igreja de Sardes estava florescendo externamente, mas não sem sério dano para a sua vida espiritual. Filadélfia, por outro lado, era uma cidade em que os cristãos estavam isolados do restante da comunidade, mas a igreja permanecera fiel. Em Laodiceia a igreja parecia estar florescendo, mas era espiritualmente pobre.<sup>9</sup>

O conjunto formado pelas sete igrejas, simbolicamente representadas pela luz dos sete candelabros, revela a imagem da Igreja do Cristo, “[...] com suas heresias, disputas, e fé débil, mas também com sua fé, esperança e amor”.<sup>10</sup>

#### **3.2 A besta apocalíptica**

Refere-se tanto ao Império Romano (o poder constituído que fere, persegue e maltrata) quanto aos falsos profetas — também chamados de “dragão” —, mistificadores que deturpam a mensagem do Evangelho. Emmanuel nos esclarece a respeito do assunto:

[...] a Besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666 (Ap 13, 5-18). Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1.260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.

Quanto ao número 666, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de Vicarius generalis Dei in Terris, Vicarius Filii Dei e Dvx Cleri que significam “Vigário-geral de Deus na Terra, Vigário do Filho de Deus e Príncipe do clero”. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles. Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da humanidade terrestre.<sup>18</sup>



### 3.3 A espada de dois gumes

É o símbolo do poder e da justiça. É a palavra divina, que no dizer de Paulo, é poderosa arma, com a qual será restabelecida o reinado do Cristo na Terra. É, finalmente, o Evangelho, o Verbo, essa espada que vibra golpes arrojados matando a hipocrisia, aniquilando o erro e defendendo os espíritos de boa vontade na luta terrível das “trevas” contra a “luz”.<sup>12</sup>

### 3.4 A obra divina

O céu está representado pelo mar: “um mar de vidro semelhante ao cristal” (4:6). O poder, a criação, a sabedoria e a eternidade são simbolizados, respectivamente, por quatro criaturas viventes: “o leão, o novilho, o homem e a águia voando” (4:7-8).<sup>13</sup>

### 3.5 O livro dos selos

É entendido como:

O [...] “livro do futuro”, que, fechado para todos, só podia ser aberto pelo “Cordeiro”, Jesus, o Cristo, que “venceu ao romper os 7 selos”. (5:5) Então, aparece, a João, o “Cordeiro com sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a Terra”. O número sete simboliza a perfeição, é o número completo, dá ideia do desenvolvimento integral do espírito. Vemos sete virtudes, que encarnam a perfeição; as sete cores, os sete sons, as sete formas (cone, triângulo, círculo, elipse, parábola, hipérbole, trapézio); os sete dias etc. O chifre, na velha poesia hebraica, é o símbolo da força.<sup>14</sup>

### 3.6 A abertura dos selos

Está escrito assim: “e vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi uma das quatro criaturas viventes dizendo, como em voz de trovão: Vem! Olhei, e eis um cavalo branco, e o que estava montado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e ele saiu vencendo e para vencer” (6:1-2).

Existem inúmeras interpretações para essas palavras de João: umas mais seguras, outras nem tanto. Não é fácil encontrar um consenso. Podemos, no entanto, dizer que todo o sentido teológico do Apocalipse fundamenta-se em três pilares: Deus, Cristo e a Igreja. Deus é “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (1:8); é “Aquele que vive nos séculos dos séculos” (10:5); é o “Senhor do Universo” (1:8). Jesus Cristo é o tema central do Apocalipse, que é, verdadeiramente, a sua “revelação”; Ele é o Filho do homem, é o Cordeiro imolado que redimiu os homens “de todas as tribos, línguas e povos” (5; 9), ao mesmo tempo é o vitorioso sobre os inimigos debelados (19:11-16). Cristo é o “Logos de Deus” (19:13), que está junto de Deus. Os animais citados nos textos, sobretudo os cavalos,

ora são interpretados como forças positivas atuando na sociedade, ora são forças negativas, dependendo da interpretação que se lhes dê.<sup>7</sup> Por exemplo: há quem suponha que o cavalo branco e o cavaleiro, portando um arco, citados na abertura do primeiro selo, sejam alusões à ganância — sempre presente na história humana — e, também, aos partos, povo que usava o arco como arma de guerra, criava cavalos brancos e era inimigo dos romanos.<sup>7</sup> Por outro lado, Cairbar Schutel afirma que a abertura do primeiro selo representa a vinda do Espiritismo e que o cavaleiro com o arco teria sido Allan Kardec.<sup>15</sup> Há, porém, um consenso de que o cavalo vermelho do segundo selo simboliza a guerra (6:3); o cavalo negro do terceiro selo representa a fome e a carestia que a guerra acarreta (6:5); o quarto cavalo, o esverdeado, retrata a peste e a morte (6:7). O quinto selo reapresenta os mártires pedindo a Deus justiça para a Terra, ou o fim da desordem que campeia no mundo.

Reproduzem o clamor dos justos de todos os tempos, ansiosos de que termine a inversão dos valores na história da Humanidade.

### **3.7 A prostituta**

Na segunda parte do apocalipse aparece, em diferentes capítulos, a figura de duas mulheres, uma delas está vestida de púrpura escarlate, usa pérolas, tem na mão um cálice cheio de abominações, e em sua testa está escrito: “mistério”, “a grande babilônia”; “a prostituta”; “a grande prostituta”. Supõe-se que seja uma alusão à Igreja Católica Romana, em razão de esta ter dado as costas à Lei de Deus e ter incorporado, à mensagem cristã, práticas dos povos pagãos. A propósito, esclarece Emmanuel.



A Igreja Católica [...], que tomou a si o papel de zeladora das ideias e das realizações cristãs, pouco após o regresso do divino Mestre às regiões da Luz, falhou lamentavelmente aos seus compromissos sagrados. Desde o concílio ecumênico de Niceia, o Cristianismo vem sendo deturpado pela influência dos sacerdotes dessa Igreja, deslumbrados com a visão dos poderes temporais sobre o mundo. Não valeu a missão sacrossanta do iluminado da Úmbria [Francisco de Assis], tentando restabelecer a verdade e a doutrina de piedade e de amor do Crucificado para que se solucionasse o problema milenar da felicidade humana.

As castas, as seitas, as classes religiosas, a intolerância de clericalismo constituíram enormes barreiras a abafarem a voz da realidades cristãs. A moral católica falhou aos seus deveres e às suas finalidades.<sup>19</sup>

### **3.8 O juízo final**

A doutrina religiosa que trata das “últimas coisas” é conhecida como escatologia. Todas as religiões cristãs, à exceção do Espiritismo, acreditam, pregam e divulgam a ideia do “Juízo ou Julgamento Final”, do “Fim do mundo ou dos Tempos”. São interpretações

*Missionários do Cristo*  
*“Eu vou mas nunca vos deixarei Sós”*



literais do Velho e do Novo Testamentos. Neste último, a parábola dos bodes e das ovelhas (Mateus, 25:31-46) é uma das mais citadas.

A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição.<sup>1</sup> Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta de contínuo como um bom Pai, que deixa sempre aberta uma senda para o arrependimento, e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo.<sup>2</sup>

### **3.9 A humanidade nova**

O capítulo 21 nos fala de uma “Jerusalém celeste” ou “Jerusalém libertada”, símbolo da Humanidade regenerada. Durante milênios, a civilização humana amargou dolorosas provações em razão dos erros cometidos contra a Lei de Deus. Uma geração nova surge, afinal, na Terra. “Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral”.<sup>3</sup>

(MOURA-FEB, EADE - Livro I • Módulo II • Roteiro 6 e 21 - 2013, p. 130 – 142;  
300 – 310)<sup>1</sup>

#### **Texto transcrito da Fonte:**

<sup>1</sup> MOURA, Marta Antunes de Oliveira (Org.), 1946 – **Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita: Cristianismo e Espiritismo**. Orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas direcionadas ao estudo do aspecto religioso do espiritismo. 1. ed. 2. imp. – Brasília: FEB, 2013.